

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO
DIRETORIA DE PESQUISAS E PROJETOS ESPECIAIS
INSTITUTO DE PESQUISAS SÓCIO-PEDAGÓGICAS
PROJETO A VEZ DO MESTRE

**TÉCNICAS DE ENSINO, RECURSOS
INSTRUCIONAIS E POSTURA DO EDUCADOR**

Por

Nádia Regina Paiva de Souza

Orientadora
Mary Sue

Rio de Janeiro, RJ, dezembro /2002

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO
DIRETORIA DE PESQUISAS E PROJETOS ESPECIAIS
INSTITUTO DE PESQUISAS SÓCIO-PEDAGÓGICAS
PROJETO A VEZ DO MESTRE

TÉCNICAS DE ENSINO, RECURSOS INSTRUCIONAIS E POSTURA DO EDUCADOR

TRABALHO MONOGRÁFICO APRESENTADO
COMO REQUISITO PARCIAL PARA
CONCLUSÃO DO CURSO DE PÓS –
GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA DE ENSINO
SUPERIOR.

Por: Nádia Regina Paiva de Souza
Profª : Mary Sue

Rio de Janeiro, RJ, dezembro / 2002

AGRADECIMENTOS

À professora Mary Sue, minha orientadora pelo sucesso desta tarefa;

Aos meus filhos, Rodrigo, Renan e Raísa, pela contribuição de sempre;

Ao meu marido José Maria Vilela e a minha mãe Georgina, pelo apoio;

A todos os professores do “Projeto a Vez do Mestre” pelo envolvimento com a Cultura do País.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho á Deus,
aos meus Filhos Rodrigo, Renan e
Raísa pela compreensão e carinho
que sempre demonstraram, a meu
marido José Maria Vilela pela
dedicação, a minha mãe Georgina
pela grande amizade e a todos os
envolvidos no processo de Ensino

EPÍGRAFE

DOIS E DOIS: QUATRO

Como dois e dois são quatro
Sei que a vida vale a pena
Embora o pão seja caro
E a liberdade, pequena

Como teus olhos são claros
E a tua pele morena

Como é azul o oceano
E a lagoa, serena

Como um tempo de alegria
Por trás do terror me acena

E a noite carrega o dia
No seu colo de açucena

-sei que dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena

Mesmo que o pão seja caro
e a liberdade pequena

Ferreira Gullar

Resumo

Este trabalho de pesquisa tenta demonstrar o quanto o aperfeiçoamento do educador é necessário. A responsabilidade do educador é imensa e as várias situações que surgem no cotidiano podem ser reestruturadas, bastando por isso o esforço do educador no seu aprimoramento.

O educador tem que ser um facilitador do Processo Ensino Aprendizagem, mas para seu objetivo ser alcançado, a superação de suas dificuldades tem que ocorrer de dentro para fora.

A valorização da postura corporal e da emissão de voz são fatores que fortalecem uma aula. O educador não deve entrar derrotado para a aula, o fraquejar torná-lo mais suscetível a insegurança.

Cada aula deve ser bem preparada, valorizada, esculpida, o educador deve demonstrar e se dedicar a cada uma, como se fosse a sua primeira aula.

Metodologia

Metodologia baseada nos autores Augustinho Minicucci, Antonio Carlos Gil, Michael Gelb, Eunice e Junqueira Mendes, Juan Diaz Bordenave, Adair Martins Pereira, em pesquisas realizadas na Internet e em experiências realizadas em escolas.

Sumário

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1- PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

CAPÍTULO 2 – ADMINISTRANDO O MEDO DE FALAR EM PÚBLICO

CAPÍTULO 3 – VALORIZAÇÃO DA POSTURA CORPORAL E DA EMISSÃO DE VOZ

CAPÍTULO 4 – APRENDENDO A ESTIMULAR GRUPOS

CAPÍTULO 5 – RECURSOS INSTRUCIONAIS

CAPÍTULO 6 – TÉCNICAS DE ENSINO

CAPÍTULO 7 – ALGUMAS “INFRAÇÕES” QUE COSTUMAM SER COMETIDAS DURANTE UMA AULA

CONCLUSÃO

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ÍNDICE

ANEXOS

FOLHA DE AVALIAÇÃO

TÉCNICAS DE ENSINO, RECURSOS INSTRUCIONAIS E POSTURA DO EDUCADOR

INTRODUÇÃO

PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

CONCEITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM

O conceito de aprendizagem se refere às modificações nas capacidades ou disposições do homem que não podem ser atribuídas simplesmente à sua vivência. Assim, pode-se dizer que ocorre aprendizagem quando uma pessoa manifesta aumento da capacidade para determinados desempenhos em decorrência de experiências que passou. Também é possível dizer que ocorre aprendizagem quando, em virtude da experiência, uma pessoa manifesta alteração de disposições, tais como: atitudes, interesses ou valores.

Em termos educacionais, o conceito de aprendizagem é mais específico. Refere-se à aquisição de conhecimentos ou ao desenvolvimento de habilidades e atitudes em decorrência de experiências educativas, tais como aulas, leituras, pesquisa etc.

CAP.1 - O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

1.1.1- A COMPLEXIDADE DO PROBLEMA

O processo de aprendizagem é bastante complexo. Há alguns aspectos que são comuns à maioria das abordagens modernas acerca do problema e que são de grande relevância para os educadores. Estes aspectos são: diferenças individuais, motivação, concentração, reação realimentação, memorização e retenção.

Torna-se útil para o educador conhecer um pouco mais acerca da aprendizagem com vistas em selecionar as estratégias mais adequadas para o desenvolvimento da disciplina que pretende lecionar.

1.1.2 - DIFERENÇAS INDIVIDUAIS

As pessoas apresentam diferenças significativas em relação à aprendizagem.

Há muitas razões que determinam essas diferenças entre as pessoas. A herança genética responde por parte delas. Mas também devem ser considerados outros fatores como: tipo de educação recebida, background cultural, condições de vida etc.

1.1.3 – MOTIVAÇÃO

É indiscutível a importância da motivação na aprendizagem. Um educando pode ser inteligente, mas se ele não quer aprender ninguém poderá obrigá-lo

A motivação é algo interior. As pressões externas podem aumentar o desejo de aprender, mas é necessário, primeiramente, que se queira aprender. Os psicólogos lembram que a motivação sempre tem origem numa necessidade. Esta

é que determina a direção do comportamento para alvos apropriados à sua satisfação. Assim, quando alguém tem necessidade de obter determinado conhecimento, dirige sua atenção e energias para leituras, cursos, palestras e outras capazes de satisfazer aquela necessidade.

1.1.4 – CONCENTRAÇÃO

A concentração desempenha importante papel no processo de aprendizagem. Quando alguém se concentra no que está lendo ou ouvindo, tende a aprender muito mais. Quando não há concentração, a matéria apresentada tende a se fixar apenas vagamente.

A concentração depende muito da motivação. A concentração também é influenciada por estímulos do ambiente, como: dimensões da sala, recursos de ensino, seqüência de apresentação da matéria, qualidade dos textos de apoio etc. Um educando pode estar muito interessado em aprender e procurar ouvir o que diz o educador. Porém, não consegue concentrar-se, porque a apresentação é feita de maneira desordenada ou em voz monocórdia.

Há outros fatores pessoais estranhos à motivação que podem dificultar a concentração, como: indisposição orgânica, preocupações, ansiedade etc.

1.1.5 – REAÇÃO

Para que alguém possa aprender determinada matéria é preciso estar envolvido com ela.

É necessário que os educandos se exercitem no sentido de reagir ao que é apresentado e também que as situações de ensino preparadas pelo educador sejam suficientemente estimulantes para provocar reações nos educandos.

1.1. 6 – MEMORIZAÇÃO

Tudo que foi aprendido pode ser evocado a mente. Todavia, as pessoas freqüentemente esquecem do que foi aprendido após decorrido algum tempo. Daí a tendência a ser falar em boa ou má memória.

E isto se relaciona inclusive com fatores já analisados, como diferenças individuais, motivação e atenção.

A compreensão é um elemento de fundamental importância a ser considerado na memorização. As pessoas lembrarão melhor de mais coisas se a memória for auxiliada pela compreensão. Quanto mais tempo for gasto na compreensão, mais rápida será a tarefa da memorização.

É possível fazer uma experiência que demonstra bem a importância da compreensão na memorização. Seja a seguinte listas de sílabas:

Tra lir tar gor bur tir

Leia a lista e tente lembrar-se das sílabas. Pegue uma folha de papel e procure escrevê-las de memória. Compare então sua lista com a original. Caso tenha cometido erros, escreva novamente as sílabas sem olhar a lista. Repita isto até que sua lista esteja correta.

Agora repita este procedimento com essa lista de palavras monossilábicas:

Fé réu chá pé voz boi mar

Você certamente terá memorizado mais rapidamente esta última lista. Isto porque ela consiste em palavras cujo sentido é compreensível.

Veja, finalmente, esta lista:

Deus vê que meus ais não são mais do que dor por ti ó flor.

Neste caso a memorização provavelmente ocorrerá ainda mais rapidamente, pois, além de serem dotadas de sentido as palavras formam uma frase perfeitamente conhecida.

1.1.7 – TRANSFERÊNCIA

O que foi aprendido pode ser aplicado a outras situações. É isto que se chama transferência ou generalização.

Qualquer educador com certa experiência no magistério é capaz de identificar situações que mostram como muitos educandos embora tendo memorizado longos textos, são incapazes de aplicar os conhecimentos aprendidos numa situação específica.

Para que a transferência efetivamente ocorra é necessário que o educando seja capaz de ver as semelhanças entre a matéria e suas aplicações. À medida que isto ocorre, o que foi aprendido poderá ser transferido, inclusive as habilidades e as atitudes.

1.2 -COMO APLICAR PRINCÍPIOS PSICOLÓGICOS À APRENDIZAGEM?

1.2.1 - RECONHECER AS DIFERENÇAS INDIVIDUAIS

O educador, de modo geral, pouco pode fazer em relação à composição das classes em que irá ministrar suas aulas. Será, porém, de toda conveniência procurar saber se as classes foram formadas aleatoriamente ou segundo algum critério definido. E também serão desejáveis informações prévias acerca dos educandos, obtidas a partir as fichas de inscrição. À medida que o educador disponha dessas informações, terá visão global das classes, o que poderá auxiliá-lo nas estratégias a serem aplicadas.

Ao iniciar o seu contato com a classe, poderá também o educador proceder à chamada avaliação diagnóstica, mediante a aplicação de testes, questionários, entrevistas e outros procedimentos de investigação.

Assim procedendo, o educador poderá classificar os educandos de acordo com certas características, como interesses, conhecimentos específicos e histórico instrucional, que possam auxiliar na seleção das estratégias de ensino.

1.2.2 - MOTIVAR OS EDUCANDOS

Motivar implica em despertar e manter o interesse do educando em aprender. A motivação envolve, portanto, o estabelecimento de um relacionamento mais intenso entre o educador e os educandos. Apenas à medida que o educador procura identificar os interesses dos educandos é que está em condições de motivá-los .

Sugere-se ao educador em termos de motivação que procure inicialmente estabelecer um, relacionamento amistoso com os educandos. Convém também que o educador procure demonstrar o quanto à matéria pode ser importante para o educando. À medida que este sinta que o aprendizado de determinada matéria lhe é necessário para alguma coisa, ele certamente estará mais motivado para aprender.

1.2.3 - MANTER OS EDUCANDOS ATENTOS

Para que haja aprendizado é necessário que o educando preste atenção na exposição do educador, nos textos que lê ou nos exercícios que participa. Naturalmente, a atenção do educando em boa parte, depende do seu grau de motivação. Contudo, papel importante cabe ao educador , que deverá conhecer muito bem a estrutura interna do assunto a ser ensinado assim como a melhor seqüência de apresentação, a fim de organizar espacial e em termos de tempo os estímulos a serem apresentados.

O educador conseguirá melhores resultados em relação à atenção dos educandos se considerar alguns pontos como:

- Humor – Educadores bem humorados conseguem mais facilmente manter atentos os grupos. Frases espirituosas e exemplos pitorescos constituem recursos bastante eficientes.
- Entusiasmo – o entusiasmo do educador com freqüência se transmite para os educandos. Por essa razão convém que os educadores somente se disponham a ministrar determinada matéria quando estiverem convencidos de sua importância.

- Aplicação prática – poucas coisas são tão dispersivas quanto um longo discurso que não indique alguma aplicação prática. Por essa razão é que se torna muito úteis os exercícios e trabalhos práticos propostos para os educandos.
- Recursos auxiliares de ensino – os recursos audiovisuais são muito importantes para manter o grupo atento. A eficiência obtida com esses recursos se torna maior ainda quando sua utilização é diversificada.
- Participação – a atenção de um grupo aumenta na mesma proporção em que sua participação é solicitada. Cabe , no entanto, considerar que só convém serem feitas ao grupo perguntas que possam ser respondidas sem maiores dificuldades. Perguntas mais complexas podem, ao contrário, servir para inibir os participantes.

1.2.4 - ESTIMULAR REAÇÕES DOS EDUCANDOS

O educador pode estimular os educandos a participar. Eis algumas sugestões:

- Favorecer a tomada de anotações;
- Estimular os educandos a falar, a dar depoimentos pessoais, a fazer sugestões e ampliar as idéias apresentadas;
- Fazer perguntas;
- Apresentar exercícios

1.2.5 - DAR RETORNO (FEEDBACK)

Para facilitar a aprendizagem, um educador deve , em muitos momentos, deixar de ser emissor e assumir o papel de receptor para saber em que medida os educandos estão compreendendo o que esta sendo transmitido.

1.2.6 - FAVORECER A RETENÇÃO

O educador precisa, primeiramente, garantir a organização do material a ser apresentado. Recomenda-se adotar a seqüência “todo-parte-todo”. Isto quer dizer que o educador iniciará seu trabalho proporcionando uma visão geral do que será estudado na unidade, para, em seguida, apresentá-la em pormenores e, por fim, proporcionar um resumo geral da matéria.

Outro procedimento é a repetição. O educador pode expressar a mesma coisa de maneiras diferentes, utilizando recursos diversos. O que é exposto oralmente poderá ser apresentado num texto escrito, sintetizado num cartaz etc.

A recapitulação serve para trazer a mente aquelas coisas que estavam esquecidas, que estavam no limite da “memória a curto prazo”. Constitui procedimento didático bastante adequado para proporcionar armazenamento duradouro das informações.

1.2.7 - CRIAR CONDIÇÕES PARA POSSIBILITAR A TRANSFERÊNCIA

Para que a aprendizagem não fique apenas em nível de memorização, o educador deverá orientar sua ação pedagógica no sentido de proporcionar a transferencia da aprendizagem.

Para favorecer o alcance deste nível, o educador pode:

- Empregar exemplos que esclareçam a aplicação dos conhecimentos a situações específicas;
- Propor exercícios e trabalhos práticos;
- Favorecer a discussão acerca da aplicação dos conhecimentos;
- Empregar jogos, estudos de caso e dramatizações.

1.3 - COMO SER UM FACILITADOR DA APRENDIZAGEM

Para Carl Rogers, a atividade de ensinar tem sido superestimada. Para ele a aprendizagem significa:

“...não repousa nas habilidades do ensinar do líder, nem na utilização de auxílios audiovisuais, nem na aprendizagem programada que é utilizada, nem nas palestras e apresentações e nem na abundância de livros, embora qualquer um dos meios acima possa numa ocasião ou noutra, ser utilizado como recurso de importância. Não, a facilitação da aprendizagem significa repousa em certas qualidades de atitude que existe no relacionamento entre o facilitador e o estudante.”

Rogers recomenda mudar o foco do “ensino” para a “facilitação da aprendizagem” e apresenta algumas qualidades do facilitador da aprendizagem:

- **Autenticidade** – o facilitador deve ser uma pessoa real, autêntica, que se apresenta sem uma máscara ou fachada.
- **Apreço pelo estudante** – o educador deve apreciar o estudante, os seus sentimentos, as suas opiniões e a sua pessoa.
- **Compreensão empática** – o educador deve ter a capacidade de colocar-se na posição do estudante, de encarar o mundo através dos olhos deste.

1.4 - AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

A expressão “estratégias de ensino- aprendizagem” num sentido, inclui os termos métodos, técnicas, meios e procedimentos de ensino.

As estratégias de ensino são em grande número. Entretanto, muitos são os educadores que dominam uma única estratégia, que é a da exposição. Também há muitos educadores que, embora conhecendo outras

estratégias, não as aplicam por não se sentirem seguros para aplicá-las. E ainda há os educadores que diversificam suas estratégias unicamente pelo desejo de diversificar, sem saber se são ou não adequadas aos seus propósitos.

Ao se decidir pela aplicação de determinada estratégia, deverá o educador se certificar de que esta é adequada à sua clientela e também aos objetivos que pretende alcançar.

CAP.2 - ADMINISTRANDO O MEDO DE FALAR EM PÚBLICO

O medo é considerado como o maior obstáculo psicológico e fisiológico ao aprendizado. Ele atua em nível subconsciente, por causa dele, nosso desempenho fica aquém dos nossos limites. Fisiologicamente, o medo atua no nosso organismo produzindo uma quantidade excessiva de uma substância chamada adrenalina.

Alguns especialistas garantem que o problema vem de uma educação muito rígida e até da superproteção familiar, o que acaba contribuindo, em muitos casos, para incapacitar o jovem a enfrentar desafios.

Desde a infância, parte da capacidade intelectual e criadora das crianças é destruída pelo processo de educação, tanto o escolar, quanto o familiar, ao estimular que tenham medo de: não fazer aquilo que os outros querem que façam; não agradar; cometer erros; fracassar; arriscar; experimentar. Assim como existem estímulos sociais para que se tenha medo do ridículo e de tentar o que é difícil e/ou desconhecido. A maioria das pessoas conservadoras ou radicais se comporta de acordo com seus condicionamentos e hábitos. Como se elas fossem movidas por um mecanismo de reação.

Com o intuito de buscar meios de vencermos as barreiras do medo e dos condicionamentos pré-estabelecidos de nossas vidas, vamos um pouco uma técnica corporal desenvolvida pelo cientista australiano Frederick Matthias Alexander e que é conhecida como “técnica de Alexander”. É um método para superar os domínios dos hábitos, e para reaprender a aprender. No aprendizado desta técnica o aluno conta com a atenção constante do professor, que ouve e se comunica não apenas verbalmente, mas também com as mãos. O professor aprende tanto quanto o aluno. Cada aula se torna uma experiência viva por trazer a inteligência para o âmbito das atividades da vida cotidiana, onde não há comparação ou competição, nem há julgamentos ou qualquer forma de testes. Onde ninguém se torna faixa preta nem recebe estrelas douradas. O professor passa ao aluno a experiência de uma coordenação equilibrada, mostrando que o aluno deverá praticar o rompimento dos hábitos condicionados e a instrução consciente.

O método Alexander é um instrumento para aumentar o autoconhecimento / auto-observação e modificar os hábitos condicionados, incentivando o alongamento dos músculos da coluna, habitualmente contraídos. Isso resulta em uma postura ereta, apoiada num sistema equilibrado em termo muscular e de ossatura. Quando os ossos e os músculos começam a trabalhar de forma equilibrada, a pressão excessiva sobre os discos intravertebrais é aliviada e estes podem se expandir favorecendo o aumento da estatura.

Quando alguém entra num período de depressão, dor ou medo, o equilíbrio da cabeça, do pescoço e das costas é intensamente perturbado por efeito de uma sobrecarga de adrenalina. E os efeitos dessa sobrecarga atuam diretamente no nosso corpo, na nossa postura.

Gradativamente aprendemos que entrar, conscientemente, em contato com nosso estado de repouso equilibrado, conseguimos aumentar nossa possibilidade de dar novas respostas e não repostas pré-determinadas, remanescentes do nosso passado.

Outro aspecto especial desta técnica é que o educador tem que praticar aquilo que ensina, atuando sobre si mesmo, para ajudar neste processo de descoberta. Cada vez que um educador colocar a mão em um de seus educandos, ele deverá estar atuando sobre si mesmo, inibindo suas reações e dirigindo conscientemente seu uso. Trata-se de um modelo excelente com a utilização do potencial para aprender qualquer coisa, tornando os alunos mais conscientes, primeiro passo para compreendê-los, solucioná-los e evitar que reprimam a capacidade de aprender.

Aprender a “ouvir” a si mesmo contribui para que seja mais fácil ouvir os outros. Esta é uma habilidade extremamente útil em qualquer aprendizado.

Esse processo de aprendizado consciente ensina a prestar mais atenção ao “como” das coisas, e a considerar a própria postura como um dos aspectos fundamentais desse processo.

A técnica ensina o aluno a confiar na razão, se lançando “do conhecido para o desconhecido”, mesmo correndo o risco de se sentir desorientado. Para isso, é preciso que haja vontade, tanto para errar como para se beneficiar com os erros, o que constitui a essência do aprendizado.

Nossos hábitos produzem conseqüências penosas como: estresse, ansiedade, tensão nervosa, doenças. Isto pode nos levar a ter má postura, movimentos defeituosos, má respiração, má digestão etc.

Somos capazes de saber os efeitos da rigidez, da tensão e do esforço inútil, porém precisamos aprender a tomar consciência do que é relaxamento, meditação, respiração e boa postura corporal.

Alexander compreendeu que o “modo de fazer” afeta o desempenho, daí descobriu a relação entre a cabeça, o pescoço e a coluna, que se constitui em um fator fundamental da organização do movimento humano.

CAP.3 - VALORIZAÇÃO DA POSTURA CORPORAL E DA EMISSÃO DA VOZ

Somos um corpo que se expressa, dança, grita, murmura. Seu poder é incontestável. Pelo menos 55% das comunicações humanas são viabilizados pelos movimentos corporais. Então, afinar esse instrumento é uma forma de lapidar as emoções e aprimorar o autoconhecimento.

Os gestos ajudam a compor o estilo do educador e facilitam o entendimento e a transição das idéias. A interação entre o educador e os educandos depende muito da harmonia entre o gesto e a fala do comunicador. O gesto deve se sincronizar com a palavra, dando-lhe sustentação e projeção.

A aparente simplicidade gestual dos grandes comunicadores e oradores é resultado de pesquisa e treino para encontrar a forma certa, o momento e o local mais adequado para o movimento mais pertinente. Tudo isso pode ser treinado e aprendido.

É importante saber que o excesso de gestos não substitui a falta de conhecimento sobre um assunto, além de poluir a apresentação. Movimentos tensos podem desafinar a comunicação oral.

3.1 – OLHOS

O educando espera que o educador sempre o considere e respeite. Isso pode ser demonstrado por um olhar amigo e atencioso. Por isso não direcione seus olhos para uma só pessoa e nem olhe a turma com olhar duro e crítico. Respeite as diferenças individuais e as dificuldades de assimilação de cada um, por que você está ali para facilitar a aprendizagem.

3.2 - PÉS, PERNAS E JOELHOS

Os pés e pernas devem ficar paralelos, sem enrijecer os joelhos. Precisamos sentir nosso corpo muito firme no chão. Imagine um fio que sai da terra, passa pelas pernas, pela cabeça, e alcança o teto. É um fio flexível, mas firme, que sustenta muito bem a estrutura corporal e evita que ela desmonte, conferindo maior domínio físico e permitindo uma dança equilibrada e harmoniosa dos gestos.

3.3 – ROSTO

As expressões faciais devem refletir o que sentimos e pensamos. Tudo a favor da idéia clara, criativa e precisa.

Exercitar os músculos faciais é uma forma de treinar nossa flexibilidade. O rosto deve exprimir verdade, inteireza e suavidade.

3.4 – MÃOS

Suas mãos podem ficar abaixadas até que você precise delas para ajudar a transmitir uma idéia.

Se você estiver tranquilo, seus gestos serão mais espontâneos e darão mais cor e vida às mensagens.

3.5 – Voz

Voz é vida, é ação. Ela permite enfatizar idéias, torná-las vibrantes, claras, dando-lhes dinâmica. A voz projeta seus sentimentos. a voz lapidada enriquece o pensamento e facilita a compreensão do receptor.

Uma forma de zelar pela qualidade da comunicação seria aprender a administrar a variedade dos sons, a beleza melódica das palavras, a coerência e a força das idéias.

Podemos melhorar gradativamente nossa identidade vocal. Com a prática freqüente de exercícios, é possível corrigir os defeitos de articulação e dicção, buscando uma voz identificada com a qualidade sonora.

Dicas

1. Observe sua voz durante as aulas;
2. Sinta como as tensões se manifestam em seu corpo;
3. Identifique quais são os seus vícios de linguagem;
4. Perceba como olha para as pessoas;
5. Fique atento à forma com que você se movimenta e ocupa o espaço durante a apresentação;
6. Exercite sua voz lendo jornais e poemas que lhe agradem;
7. Estimule seu lado de orador, lendo em voz alta, olhando-se no espelho, exercitando sua voz e seu corpo, liberando suas energias;
8. Equilibre a respiração e o ritmo da fala ;
9. Fale com simplicidade, clareza, entusiasmo e convicção;
10. Dê ritmo as frases, enfatizando a leitura tônica.

CAP.4 - APRENDENDO A ESTIMULAR GRUPOS

O êxito de uma aula e produtividade dos trabalhos de um grupo dependem muito do comportamento do educador, de suas atitudes e habilidades para tratar com os diversos tipos de participantes.

Na preparação de uma atividade de ensino é necessário que o educador tenha uma determinação clara do objetivo, de modo a conduzir a tarefa para o seu êxito.

4.1 - CARACTERÍSTICAS DOS EDUCANDOS

Cada educando possui sua história pessoal e tem experiências e conhecimentos diferentes, assim como seu próprio ritmo de aprendizagem.

Por isso, durante a aula o educador deve estar atento, observando e respeitando a individualidade e a heterogeneidade dos grupos.

De acordo com essas observações o educador deverá: verificar a compreensão dos educandos, dando especial atenção aos que tem mais dificuldades em se expressar diante do grupo, dirigindo-lhes perguntas para ativar a atenção e incentivar a participação. Observar o seu comportamento, pois educando calado não quer dizer educando sem dúvida; solicitar a participação dos educandos sempre que possível. Peça exemplos, faça perguntas à turma. Peça a um educando que responda a uma determinada pergunta. Caso ele não saiba, repasse-a a todos. Se ele souber a resposta, pergunte à turma quem concorda e quem discorda. Isto tornará sua aula mais dinâmica.

4.2 - COMO GARANTIR A ATENÇÃO DO GRUPO

- Falar em tom de conversa, utilizando linguagem clara e objetiva, com palavras que sejam do domínio do educando, sem deixar de usar os termos técnicos previstos no livro.
- Explicar bem o trabalho a ser desenvolvido, deixando bem claro o problema a ser resolvido.
- Fazer com que os educandos fiquem atentos durante os trabalhos.
- Valorizar a participação individual.
- Eliminar o espírito crítico negativista, inimigo da imaginação.

- Garantir a importância do tema ministrado para atingir os objetivos do treinamento.
- Esclarecer sempre alguma dúvida surgida.
- Deixar fluir a imaginação livre dos educandos, mesmo que as idéias pareçam absurdas.
- Ouvir as idéias dos educandos e associá-las livremente a outras idéias originais, não permitindo a crítica e a autocrítica dessas idéias.
- Não desviar do assunto principal, observando se as discussões estão sendo produtivas. Discussões estereis só servem para consumir o tempo que, necessariamente, será compensado no final do dia.
- O educador deve lembrar que a apresentação é para a turma e não para um educando em especial. Olhe para todos, tendo, com isto, uma resposta visual do interesse dos educandos.

4.3 - DIFERENTES TIPOS DE PARTICIPANTES E SUGESTÕES DE AÇÕES DO EDUCADOR PARA CONTROLE DO GRUPO

O eterno perguntador – pergunta para atrapalhar. Deseja a opinião do educador sobre o assunto. Quer que o educador apóie o seu ponto de vista. O educador deve passar a pergunta ao grupo e não tomar partido, mantendo-se neutro.

O sabe-tudo – quer exibir-se, impor sua opinião. Às vezes está bem informado, mas outras vezes é simplesmente um vaidoso, convencido de saber tudo. O educador deve dar uma função para que fale, evitar que domine o grupo, levar o grupo a julgar suas objeções, interrompê-lo dizendo: “é um detalhe interessante, mas vamos ver o que os colegas pensam disso”.

O tagarela – fala de tudo e sem parar, exceto do assunto em questão. Geralmente cansa os interlocutores. O educador deve cortar delicadamente o seu “discurso” e retornar ao assunto da aula.

O do-contrá – gosta de discutir e dar contra sempre, às vezes é um bom educando, embora apresente descontrole e revolta, talvez por dificuldades pessoais. O educador deverá acalmá-lo. Não deixar o grupo ficar inquieto. Procurar tratar de outro assunto. Dizer-lhe que as divergências serão resolvidas, depois, em particular. Dar mérito a algumas de suas observações.

O tímido – não tem coragem ou habilidade para expressar suas idéias. Teme a crítica e o julgamento “duro” dos outros. Necessidade de ajuda. O educador deverá fazer-lhe perguntas fáceis. Levar o grupo a valorizar sua participação. Procurar integrá-lo lentamente, sem que ele perceba.

O obstinado – (idéia fixa)_ ignora sistematicamente o ponto de vista alheio diante de suas convicções. Não cede. Nada quer aprender com os outros. Embora haja alguns que se exaltem, quase sempre defende suas idéias com tranqüilidade. O educador deve passar o seu ponto de vista para o grupo, dando oportunidade para novas reflexões.

O legal – sempre pronto a ajudar. Seguro de si. Não foge às dificuldades. Encará-as esportivamente. Sabe aceitar os colegas como são. Recebe sem melindres as críticas que lhe fazem. O educador deve acioná-lo em momentos oportunos. Não exagerar sua participação.

O homem dos apartes – é dispersivo, distrai os outros. Pede apartes para falar do assunto ou de outra coisa. O educador deve fazer uma pergunta direta sobre o que está sendo discutido.

O pedante – Trata o grupo com altivez. Não se integra. Critica duramente os outros e se coloca num pedestal. O educador não deve criticá-lo. Use a técnica da dúvida ” sim...mas...” Concordar, mas depois ponderar, conduzindo-o à reflexão.

4.4 - APRENDER COMO SE APRENDE TAMBÉM É TAREFA DO EDUCADOR

Sendo a aprendizagem um processo pessoal e interno, as pessoas aprendem, não apenas pelas explicações que recebem, mas, principalmente, pelas oportunidades que lhes são oferecidas para praticar o que lhes está sendo ensinado. Esta, portanto, é a razão da importância das atividades realizadas durante a instrução; elas irão criar esta oportunidade para o educando praticar, além de permitir ao educador verificar se o que foi explicado foi aprendido. Estas atividades são meios facilitadores da aprendizagem, e devem ser muito bem pensadas pelo educador ao planejar o treinamento que irá ministrar.

Ao educador cabe a responsabilidade não só de transmitir conhecimentos, como também a de facilitar o processo de aprendizagem. O velho paradigma da Educação “eu ensinei, mas o aluno não aprendeu porque não quis” deve ser substituído com urgência em prol da aprendizagem.

Devemos agir como propõe o processo ensino - aprendizagem: o ensinar e o aprender devem ser trabalhados em conjunto, isto é, educador e educando trabalhando para alcançar os resultados esperados.

4.5 - COMO ORGANIZAR A AULA

Antes das aulas o educador deve estudar os conteúdos técnicos, o domínio da matéria é fundamental .

Estudar o plano de aula do dia, verificando como implementar as atividades sugeridas no mesmo, assinalando os trechos para a leitura dirigida, preparando as perguntas que fará à turma durante a exposição, assim como as respostas aos possíveis questionamentos, preparando com antecedência exemplos que possam apoiar sua aula ou para esclarecer

dúvidas surgidas durante a mesma, deve-se ter o cuidador de levar em conta o tempo definido para sua aula, e por fim levar todo material de apoio que será utilizado.

Ao final de cada aula fazer uma síntese dos assuntos abordados, verificando se todos entenderam e se existe alguma dúvida.

CAP.5 - RECURSOS INSTRUCIONAIS

O ensino – aprendizagem é um processo no qual o centro é o educando. Ao educador cabe a tarefa de facilitar a aprendizagem, utilizando-se de todos os recursos possíveis para que o educando possa assimilar e aplicar os novos conhecimentos.

A aprendizagem é um processo auto-ativo. O educador tem a responsabilidade de facilitá-la e o educando de torná-la real.

Para isso, deve haver um planejamento criterioso tanto na abordagem que o educador utilizará quanto nos instrumentos que o auxiliarão na exposição da aula.

5.1 - RECURSOS INSTRUCIONAIS

Recursos instrucionais é todo material de apoio para o desenvolvimento da aula. São auxílios suplementares usados pelo educador para facilitar a sua atuação e a aprendizagem dos educandos. Servem também para dinamizar a aula e racionalizar o tempo.

1) Livro técnico- livro de apoio para o educador onde os exercícios estão resolvidos.

2) Plano de aula- é um instrumento de trabalho do educador, que especifica como estão distribuídas as atividades de cada aula. É uma forma eficaz e eficiente de organizar a distribuição do trabalho do educador associando tempo, conteúdo, instrumentos, técnicas e recursos, de modo a

alcançar os objetivos propostos. Um plano de aula bem estruturado leva a um trabalho ordenado e seguro, evitando improvisações e dúvidas.

Elementos que devem compor o Plano de aula:

Tema- assunto a ser desenvolvido, corresponde ao conteúdo resumido da matéria de cada aula

Tempo- a duração prevista para cada atividade

Desenvolvimento da aula- detalha e reforça os passos do educador, especificando as informações indispensáveis

Recurso instrucional- indica o tipo de apoio instrucional que deverá ser utilizado durante a exposição do assunto

Técnica de ensino- indica o procedimento didático a ser adotado com a finalidade de facilitar a aprendizagem do educando.

5.2 - QUADRO DE ESCREVER

É um recurso visual incorporado a qualquer programa de treinamento. Pode ter vários tamanhos e ser feito de diversos materiais. Na maioria dos casos é usado como quadro-de-giz, embora em algumas salas mais modernas já existam os quadros brancos que devem ser utilizados com caneta especial.

Presta-se de modo prático e funcional a complementação da aula expositiva, sendo usado para destacar informações, esclarecer dúvidas, reforçar conceitos etc. de extrema versatilidade, é o recurso que oferece maior número de vantagens ao educador.

Entre esses aspectos positivos podem ser destacados os seguintes:

- Utilização a qualquer momento tanto pelo educador como pelos educandos, de forma limpa e ordenada;
- Não exige preparo técnico antecipado;
- Ajuda ao educador a melhor explicar o conteúdo programático;
- Permite substituição imediata da informação;
- Possui grande área de visibilidade;
- É de baixo custo de manutenção.

Cuidados a serem observados:

- Sempre que possível, preparar com antecedência, assuntos e exemplos;
- Apresentar quadros e esquemas, pois os mesmos contribuem favoravelmente para melhorar a compreensão do assunto exposto;
- Ser objetivo, usando poucas palavras;
- Não falar enquanto escrever;
- Apagar um assunto antes de iniciar outro;
- Deixar sempre no quadro a noção correta

Nota: se o quadro for branco, utilizar a caneta tipo WBM7, específica para o seu uso . Para apagar, utilize o apagador apropriado.

5.3 - ÁLBUM SERIADO

É um recurso visual impresso, constituído de uma coleção de cartazes, preparada para auxiliar o desenvolvimento de um tema e permitir a utilização simultânea com outros recursos instrucionais.

Quanto a sua utilização:

É necessário providenciar um cavalete ou uma cadeira em que o álbum seriado possa ser colocado;

Colocá-lo em lugar visível para o grupo.

Quanto ao manuseio:

Virar uma folha de cada vez para que se façam os comentários necessários e se explore ao máximo o conteúdo da página que está sendo exibida.

Quanto ao procedimento:

Usar ponteira ou caneta para indicar os pontos importantes;

Manter uma atitude calma com desembaraço e naturalidade;

Falar sempre de frente para o grupo de educandos;

Concentrar-se no que está sendo mostrado e não abordar assuntos que estejam em outras folhas.

CAP.6 - TÉCNICAS DE ENSINO

São ações desenvolvidas pelo educador para ensinar os conteúdos e alcançar os objetivos propostos. Existem várias técnicas de ensino que são aplicadas de acordo com o número de alunos, o ambiente, o assunto etc.

6.1 - EXPOSIÇÃO ORAL

Esta técnica consiste na explanação feita pelo educador para apresentar a matéria, dando uma visão global do assunto, de modo a possibilitar os educandos a compreensão indispensável da aprendizagem.

É necessário obedecer à seqüência dos assuntos, iniciando pela apresentação do assunto, em seguida o desenvolvimento do tema e fazendo um resumo final.

No desenvolvimento do tema é necessário:

O domínio do conteúdo;

A clareza na maneira de expor o tema ;

A exemplificação;

A exposição, para não se tornar monótona e cansativa, exige que alguns procedimentos sejam adotados:

Empregar frases curtas, claras e compreensíveis, falando com naturalidade e desembaraço;

Fazer breves pausas na explanação, recorrendo a algumas perguntas para verificar o grau de compreensão dos educandos e ativar a atenção e o interesse dos mesmos;

Concentrar-se no assunto, observando o tempo para os temas essenciais e de maior enderece;

Solicitar aos educandos a leitura do manual quando necessária.

Sempre que possível, a exposição deve ser complementada com recursos audiovisuais.

6.2 TRABALHOS EM GRUPO

6.2.1 DISCUSSÕES EM GRUPOS PEQUENOS

Esta técnica consiste no estudo de conteúdos ou temas, que são distribuídos por diversos grupos dentro de uma turma. Permite que o educador atue, constantemente, como observador e orientador da aprendizagem. A dinâmica dos trabalhos em grupo favorece a reformulação de comportamento a troca de experiências, tão necessárias ao trabalho produtivo.

A turma é dividida em pequenos grupos (de três a cinco participantes) por um período de tempo limitado(em torno de dez a quinze minutos) para debater nos quais cada participante contribui com suas idéias. Após os debates, os relatores apresentam a conclusão dos trabalhos à turma.

É uma técnica muito rica para se trabalhar um determinado assunto e que deve ser usada nas seguintes situações:

Quando existir textos com muitos conceitos ou textos extensos;

Como meio para quebrar a monotonia de determinada atividade(maior participação dos educandos)

Para promover interação e cooperação do grupo;
Para desenvolver a capacidade de auto-expressão.

PREPARAÇÃO DO TRABALHO

- A técnica de discussão em grupos pequenos deve ser aplicada com objetivos bem definidos e em circunstâncias precisas, para que os educandos não se reúnam por reunir, mas para realizar uma determinada tarefa.
- Para que o trabalho tenha sentido e alcance seus objetivos, é preciso que todos participem ativamente dos trabalhos.
- A atividade requer ambiente de cordialidade, tolerância e compreensão, para que o grupo possa usar do máximo de liberdade para um trabalho comum de cooperação.

Na introdução da técnica:

- Colocar o tempo de realização da tarefa destinada aos grupos no quadro de escrever;
- Todas as instruções do trabalho em grupo devem ser dadas antes da formação do grupo., Com isso todos estarão atentos às informações necessárias para a realização do trabalho.
- Informar sobre a tarefa de cada grupo.

Na formação dos grupos:

- Evitar grupos com mais de cinco educandos para não haver dispersão até mesmo não formar pares;
- Existem vários critérios para a formação dos grupos:
 - Por proximidade, agrupando os que estiverem sentados mais próximos;
 - Juntar os mais seguros no assunto com outros que tenham mais dificuldade para acompanhar as explicações;

- Numerando os educandos de um a três informando que todos que tem o número 1, formarão um grupo, os de número 2, outro, e os de número 3, um terceiro;
- Por critério aleatório, sorteando os componentes por meio de cartões ou botões coloridos.

Na arrumação dos grupos:

- Dispor as carteiras em círculo para favorecer a comunicação;
- Separar ao máximo possível um grupo do outro para preservar a concentração.

Na distribuição das tarefas:

- Explicar as funções dos educandos. (Ex: relator, cronometrista, mediador, etc.) e a forma de apresentação do trabalho;
- Certificar-se de que todos os grupos estão cientes de suas tarefas.

APLICAÇÃO DO TRABALHO

Atenção constante do educador nos diversos grupos.

Movimentação do educador pela sala para:

- Observar o desempenho dos educandos;
- Reorientá-los, caso estejam se afastando do tema;
- Esclarecer alguma dúvida surgida, mas sem interferir em suas decisões;
- Estimulá-los a realizar sua tarefa no tempo previsto, informando sobre o tempo decorrido e o de que ainda dispõem, sem, no entanto pressioná-los insistentemente.

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Durante a apresentação de cada grupo o educador deve anotar os pontos mais importantes que devam ser comentados ou esclarecidos.

Após a exposição de cada grupo:

Sintetizar as idéias apresentadas;

Salientar os aspectos mais importantes;

Esclarecer dúvidas e corrigir possíveis erros cometidos na explanação;

Dirigir perguntas para fixação dos assuntos estudados.

6.2.2 GRUPO DO COCHICHO(ZUNZUM)

O termo se aplica para o grupo de discussão de duas pessoas. Cochichar significa falar em voz baixa, de tal forma que outras pessoas não ouçam o diálogo. É possível dividir um grupo grande em pequenos grupos de cochicho, não só para um intervalo numa preleção, como também para obter opinião sobre um determinado assunto. Convém não aplicá-la a grupos com mais de 30 participantes, assim como para temas longos.

O grupo de cochicho não deve durar mais de dois ou três minutos, senão dificulta a retomada do interesse ou da atenção para com o educador.

O educador deverá expor a técnica e solicitar o máximo de silêncio possível ou, pelo menos, que se fale em voz baixa.

Pontos positivos:

É uma técnica de rápida aplicação;

Cada participante do grupo ou classe dialoga com seu companheiro mais próximo, no mesmo lugar em que se encontra, sem se levantar;

Grupo conhece opiniões ou pontos de vista após uma atividade como filme, vídeo, palestra ou conferência;

É uma técnica acentuadamente informal e que garante uma participação total

6.2.3 SIMULAÇÃO E ANÁLISE DE CASOS

É uma técnica que trabalha o comportamento desenvolvendo a sensibilidade, a desinibição e a liberdade de expressão. Atua diretamente na percepção dos educandos e em sua interação com os outros diante de um determinado fato.

Esta técnica consiste na simulação de uma real, trazida para a sala de aula, para ser observada e analisada pelos educandos, permitindo vivenciá-la antecipadamente. Além disto, possibilita a previsão de eventuais problemas e suas respectivas resoluções.

Procedimentos:

Antes

Apresentar as regras para a realização;

Distribuir papéis;

Definir os tempos para cada etapa.

Durante

Não interromper a simulação;

Não permitir a interrupção por outras pessoas;

Controlar o tempo de realização do trabalho.

Ao final

Coordenar e analisar o comportamento dos participantes, a fim de extrair procedimentos e reflexões do grupo a respeito do trabalho.

6.3 - LEITURA DIRIGIDA

É uma técnica em que cada um dos participantes ajuda aos outros a:

Aprender a ouvir os demais elementos do grupo;

Participar da leitura e não falem;

Seguir atentamente a explicação do educador;

Acompanhar simultaneamente

Na aplicação desta técnica o educador solicita a alguns educandos que leiam partes do texto, em voz alta, objetivando uma maior reflexão sobre o tema.

6.4 – PERGUNTA DIRIGIDA

Esta técnica, também denominada APC(Answer/Pause/Call), é muito simples, consiste no educador preparar algumas perguntas sobre os temas mais relevantes da aula e dirigi-las à turma.

A técnica tem por objetivo despertar a atenção dos educandos, já que cria um clima de forte concentração, além de fazê-los elaborar a resposta.

Se o educando responder erradamente, conduza-o a resposta certa da seguinte forma:

- a) Faça de novo a pergunta;
- b) Faça perguntas adicionais sobre o assunto que o conduza à resposta correta;
- c) Refira-se ao assunto localizando-o no livro técnico.

CAP.7 – ALGUMAS “INFRAÇÕES” QUE COSTUMAM SER COMETIDAS DURANTE UMA AULA.

Estas “infrações” foram listadas intencionalmente fora de qualquer ordem de seqüência ou de importância. São situações que devemos evitar. Para que a sua aula atinja o seu objetivo.

- a) olhar demais para determinado educando
- b) só manter contato visual par quem tiver feito pergunta
- c) olhar freqüentemente para o chão
- d) ficar parado num ponto só da sala

- e) olhar freqüentemente para o teto
- f) olhar repetidamente para o relógio de pulso
- g) usar gíria em excesso, palavras de baixo calão ou inadequadas.
- h) falar com voz baixa ou alta demais
- i) falar monotonamente...sem ênfase
- j) falar rápido ou devagar demais
- k) repetir-se em demasia
- l) andar sem sair do lugar(“dançar”)
- m) movimentar-se demais
- n) usar cacoetes de dicção: “tá”; “ok”; “então”; “né” etc.
- o) não fazer perguntas
- p) não deixar espaço para o participante perguntar
- q) usar “EU” demais durante a aula ou “VOCÊS” em vez de “NÓS”
- r) interromper o educando antes que este termine de expor sua dúvida
- s) uso de visuais incoerentes ou com erro de ortografia
- t) usar expressões verbais incorretas, com erros de concordância, regência etc.
- u) deixar algum objeto obstruindo a visão do grupo ou parte dele ao exibir os recursos visuais
- v) operar aparelhos audiovisuais sem conhecimento razoável de sua operação
- w) repreender algum educando em público
- x) apresenta álbum seriado sujo, amarrotado ou rasgado.
- y) perder o controle das intervenções entre participantes
- z) depreciar o material instrucional ou a própria exposição

CONCLUSÃO

A responsabilidade do educador é de extrema importância. Existem fatores que podem e devem ser trabalhados, no sentido de uma qualificação profissional mais eficaz.

As escolas onde os professores utilizam meios diversificados de técnicas de ensino, recursos instrucionais e demonstram domínio da postura em sala de aula, tendem a obter melhores respostas quanto à aprendizagem que é um processo auto-ativo. Cabe ao educador facilitá-la e os educandos de torná-la real.

O meio educacional onde os educadores passam por processos de reciclagens constantes, tendem a obter rendimentos superiores aos demais.

Esta monografia tenta ajudar e elucidar os procedimentos, as técnicas e os recursos mais adequados, para o desenvolvimento de uma aula. Está apresentada de forma clara e objetiva e espero ser de grande utilidade para os educadores, educandos e para toda sociedade.

BIBLIOGRAFIA

MINICUCCI, Augustinho – Técnicas de Dinâmica de Grupo.

BORDENAVE, Juan Diaz e PEREIRA, Adair Martins – Estratégias de Ensino – Aprendizagem.

GIL, Antonio Carlos – Metodologia do Ensino Superior. 2. ED. São Paulo: Atlas S.A , 1994.

GELB, Michael. “O aprendizado do Corpo- Introdução à técnica de Alexander”, Ed, Martins Fontes – 1997.

MENDES, Eunice e Junqueira, L.. A Costacurta. Falar em Público: Prazer ou Ameaça? Rio de Janeiro, Quality Mark, 1997.

INTERNET:

<http://www.uerj.gov.br>

<http://www.ufrj.gov.br>

<http://www.inep.gov.br>

Índice

Agradecimentos.....	3
Dedicatória.....	4
Epígrafe.....	5
Resumo.....	6
Metodologia.....	7
Sumário.....	8
Introdução.....	9
CAPÍTULO 1	
O processo de aprendizagem.....	10
1.1.1 – A complexidade do problema.....	10
1.1.2 – Diferenças individuais.....	10
1.1.3 – Motivação.....	10
1.1.4 – Concentração.....	11
1.1.5 – Reação.....	11
1.1.6 – Memorização.....	12
1.1.7 – Transferência.....	13
1.2 – Como aplicar princípios psicológicos à aprendizagem?.....	13
1.2.1 – Reconhecer as diferenças individuais.....	13
1.2.2 – Motivar os educandos.....	14
1.2.3 – Manter os educandos atentos.....	14
1.2.4 – Estimular reações dos educandos.....	15
1.2.5 – Dar retorno (FEEDBACK).....	15
1.2.6 – Favorecer a retenção.....	16
1.2.7 – Criar condições para possibilitar a transferência.....	16
1.3 – Como ser um facilitador da aprendizagem.....	17
1.4 – As estratégias de ensino aprendizagem.....	17

CAPÍTULO 2

Administrando o medo de falar em público.....	18
-----------------------------------------------	----

CAPÍTULO 3

Valorização da postura corporal e da emissão da voz.....	21
3.1 – Olhos.....	21
3.2 – Pés, pernas e joelhos.....	22
3.3 – Rosto.....	22
3.4 – Mãos.....	22
3.5 – Voz.....	22

CAPÍTULO 4

Aprendendo a estimular grupos.....	23
4.1 – Características dos educandos.....	24
4.2 – Como garantir a atenção do grupo.....	24
4.3 – Diferentes tipos de participantes e sugestões de ações do educador para controle do grupo.....	25
4.4 – Aprender como se aprende também é tarefa do educador.....	27
4.5 – Como organizar a aula.....	27

CAPÍTULO 5

Recursos instrucionais.....	28
5.1 – Recursos instrucionais.....	28
5.2 – Quadro de escrever.....	29
5.3 – Álbum seriado.....	30

CAPÍTULO 6

Técnicas de Ensino.....	31
6.1 – Exposição oral.....	31
6.2 – Trabalhos em grupo.....	32
6.2.1 – Discussões em grupos pequenos.....	32
6.2.2 – Grupo do cochicho (zunzum).....	35
6.2.3 – Simulação e análises de casos.....	36
6.3 – Leitura dirigida.....	36
6.4 – Pergunta dirigida.....	37

CAPÍTULO 7

Algumas “Infrações” que costumam ser cometidas durante uma

Aula.....	37
Conclusão.....	39
Bibliografia.....	40
Anexos.....	44
Folha de avaliação.....	46

Anexos –1

Anexos - 2

FOLHA DE AVALIAÇÃO

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES

PROJETO A VEZ DO MESTRE

Pós Graduação “Lato Sensu”

Título da monografia: Técnicas de Ensino, Recursos
Instrucionais e Postura do educador

Data da Entrega: _____

Auto Avaliação:

Avaliado por: _____ Grau _____

_____, ____ de _____ de _____